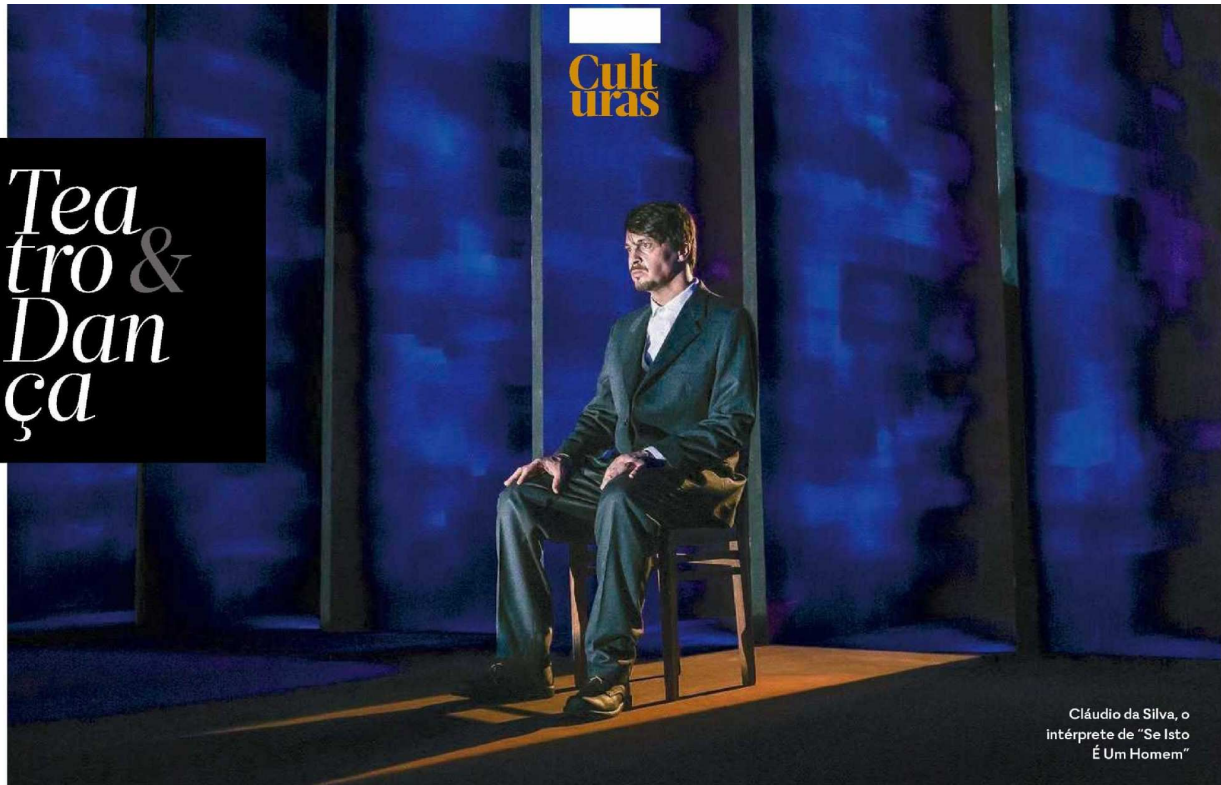


Teatro & Dança



Cláudio da Silva, o intérprete de "Se Isto É Um Homem"

A alma humana

"Se Isto É Um Homem" é um espetáculo exemplar sobre a resistência à abjeção

TEXTO JOÃO CARNEIRO

Primo Levi foi capturado pela Milícia fascista em dezembro de 1943. Foi deportado para Auschwitz em 1944. Sobreviveu e, pouco depois de sair do campo, começou a escrever o seu primeiro livro, a partir de memórias que foi anotando durante meses, e que teve uma primeira publicação em 1947. "Se Isto É Um Homem", esse livro, é um extraordinário documento de memórias. Não porque relate alguma coisa de novo, além daquilo que já se conhece. Não, também, por se deter em pormenores de insuportável, embora verídica, crueldade. "Se Isto É Um Homem" é um livro breve, organizado em curtos capítulos; é um livro de memórias e testemunhos; e é uma extraordinária obra de criação literária. Simplificando o que nada tem de simples, a escolha dos factos narrados, o seu agenciamento e o tipo de reflexões que, muitas vezes mais do que explícitas, estruturam e conduzem a narrativa, fazem do livro um caso exemplar, uma obra que toda a gente, sem exceção, deveria ler. Rogério de Carvalho, além da encenação (que estreou no último

Festival de Almada e tem agora a sua carreira normal), fez a escolha dos fragmentos que cabe a Cláudio da Silva representar. É um trabalho hercúleo, e além dos normais requisitos de talento e técnica, de encenação e de representação, é indubitavelmente um texto de grande exigência para o intérprete, sozinho, "sem rede"; ele e as palavras, a controlar as memórias e as emoções. Primo Levi começa por referir uma circunstância: "Foi uma sorte para mim ter sido deportado para Auschwitz só em 1944, depois de o governo alemão, devido à crescente escassez de mão de obra, ter decidido prolongar a vida dos prisioneiros a eliminar..." É uma estranha frase, na sua simplicidade. Nela está contido tudo o que acontece a seguir, e está contido o que terá porventura sido o mais sinistro projeto concebido pelo homem, o da destruição sistemática de milhões de indivíduos que alguns resolvem considerar indignos de viver. Foi de facto uma sorte Primo Levi ter conseguido sobreviver; por outro lado, a decisão tomada pelo governo alemão de prolongar

a vida dos prisioneiros a eliminar é tudo aquilo que parece difícil, senão impossível, de compreender; porque ir para os campos é ir para um lugar de onde, como se diz mais à frente, "só se sai pela chaminé". Manter os prisioneiros em vida é sugar-lhes toda e qualquer força de trabalho, sempre com a morte no horizonte. Há uma frase que Primo Levi escreve a propósito de um Doktor Pannwitz, que o interroga sobre química, a especialidade de Levi, numa das cenas exemplares sobre a humilhação no campo. "Depois de acabar de escrever, levantou os olhos e olhou para mim. Desde então, pensei no Doktor Pannwitz muitas vezes e de muitas formas. Perguntei a mim próprio qual era o seu íntimo funcionamento de homem; como preenchia o seu tempo, além da polimerização e da consciência indo-germânica; acima de tudo, quando voltei a ser um homem livre, desejei encontrá-lo de novo, certamente não por vingança, mas simplesmente por curiosidade acerca da alma humana." A questão não tem resposta à vista. ●

SE ISTO É UM HOMEM

A partir de Primo Levi

Teatro Municipal Joaquim Benite, Almada, de 29 de novembro a 15 de dezembro